

**ANA
MIRANDA**

METAMORFOSES

**ANGELA-
-LAGO**

ANTOLOGIA DE CONTOS

**FRANZ
KAFKA -
MODESTO
CARONE**
Tradutor

**HELOISA
PRIETO**
Organizadora

**HELOISA
SEIXAS**

**OvíDIO -
MARCOS
MARTINHO**
Tradutor

**RICARDO
AZEVEDO**

SÉRGIO KON
Ilustrador



Copyright do texto © 2010 by Os Autores
Copyright das ilustrações © 2010 by Sérgio Kon

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Marise Leal
Veridiana Maenaka

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Metamorfoses : antologia de contos / Heloisa Prieto, organizadora ; Sérgio Kon, ilustrador. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Vários autores
ISBN 978-85-359-1711-6

1. Contos brasileiros — Coletâneas I. Seixas, Heloisa. II. Kon, Sérgio.

10-06489

CDD-869.9308

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira 869.9308

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Apresentação — Metamorfose ambulante, 7

HELOISA PRIETO

A metamorfose de Licáon, II

Ovídio

Tradução e notas: MARCOS MARTINHO

Menina-Japinim, 19

ANA MIRANDA

Terra bruta, 29

RICARDO AZEVEDO

Encontro, 41

HELOISA SEIXAS

A casca, 53

ANGELA-LAGO

A metamorfose — Capítulo I, 59

FRANZ KAFKA

Tradução: MODESTO CARONE

Sobre os autores, os tradutores, a organizadora
e o ilustrador, 85

Apresentação
METAMORFOSE AMBULANTE
Heloisa Prieto

Esta antologia nasceu de um jogo literário: os autores foram convidados a ler os dois grandes clássicos sobre o tema da metamorfose.

Primeiramente, um trecho, belo e sombrio, das *Metamorfoses* de Ovídio, obra escrita numa época em que a narrativa se reportava a um tempo e espaço mágico, nos quais cada ser continha a possibilidade secreta da transformação. Humanos poderiam tornar-se criaturas da natureza, ou mesmo seres fantásticos, como se a transformação permanecesse latente, aguardando o momento de tomar a frente e permitir a ação de sua essência mais oculta.

Depois, o primeiro capítulo da *Metamorfose*, de Kafka, considerada por muitos a metáfora mais perfeita da condição do homem contemporâneo. Irônico, contundente, o texto nos desafia a pensar onde estaria o mágico, o misterioso, o invisível na sociedade moderna. Há como sobrepujar as mazelas da vida corriqueira, vazia de significados?

Como numa roda de histórias virtual, cada autor nos contemplou com contos que refletem seus diferentes universos pessoais, ora mais próximos de um diálogo com a literatura clássica, ora mais próximos de um diálogo com os textos da modernidade.

Recebemos narrativas de humor, sobretudo humor negro, quando se imagina o destino de alguém que, inexplicavelmente, optou por afundar cada vez mais no próprio abismo. Ou ainda quando se pensa na solidão de viúvas mineiras e sua paixão por gatos vira-latas, tão simpáticos e aparentemente inocentes.

Há também duas belas homenagens: uma, à tradição indígena brasileira, por meio de uma narrativa mágica, de encanto primordial, e o relato de um encontro revelador com nosso querido ídolo pop Raul Seixas, aquele “ser mítico” de versos inesquecíveis: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”.

Agora se oferece ao leitor a possibilidade de troca com todas essas vozes diversas, para que, a cada texto, sua sensibilidade seja ampliada pelas metamorfoses sutis que só a leitura pode propiciar.

A METAMORFOSE DE LICÁON

Ovídio



“Canto I”, v. 163-261¹

Quando os deuses supremos se sentaram
no marmóreo recinto,²
no excelso trono, Júpiter, o próprio,
firme no cetro ebúrneo,
três vezes, quatro vezes, sacudiu
do crânio a cabeleira
aterradora, com a qual moveu
a terra, o mar, os astros;
a bocarra indignada então abriu
e falou deste modo:

1 A tradução foi feita com base no texto latino estabelecido por Georges Lafaye (Paris: Les Belles Lettres, 1928). Os versos do original (hexâmetros dactílicos) foram traduzidos em dísticos compostos de um decassílabo (heroico ou sáfico) e um hexassílabo, de modo que o decassílabo e o hexassílabo correspondessem, respectivamente, ao primeiro e ao segundo hemistíquio do verso latino.

As *Metamorfoses* são uma coleção de 282 mitos de metamorfose, distribuídos entre quinze cantos, que somam II 195 versos.

2 “Marmóreo recinto” refere-se à mansão dos deuses, situada no alto do monte Olimpo, na região grega da Tessália, que Ovídio compara à mansão de Augusto, situada no alto do monte Palácio, na quarta região de Roma (Ovídio, *Metamorfoses*, I, 168-176). Pois, assim como lá Júpiter ocupa o trono entre os deuses, assim também aqui Augusto é o primeiro entre os homens (idem, *ibidem*, I, 199-208).

"Pelo reino do mundo não sofri
eu tanto assim naqueles
tempos em que os anguípedes³ tratavam
de, sobre o céu cativo,
lançar uma centena — nada menos! —
de braços cada qual.

Pois, por feroz que fosse esse inimigo,
todavia de um corpo
único dependia, e de uma origem
única, aquela guerra.

Agora, no orbe inteiro, onde Nereu
ressoa em derredor,⁴
é pra arruinar a raça dos mortais.

Pelos regatos juro
infernais, que deslizam sob a terra
por entre o bosque estígio:⁵
de tudo previamente se tentou;

3 "Anguípedes" refere-se aos gigantes, que empilharam o monte Pêlio e o Ossa, vizinhos do Olimpo, a fim de escalá-los e, daí, tentar alcançar e, ademais, tomar a morada dos deuses, de onde veio a guerra entre estes e aqueles (Ovídio, *Metamorfoses*, I, 151-162), a que Ovídio alude logo a seguir.

4 Nereu é deus marinho (Ovídio, *Metamorfoses*, II, 268-269; xii, 24-25, 93-94). O verbo latino circumsonat ("ressoa em derredor") refere-se, por um lado, à ressonância das ondas do mar e, por outro, à crença segundo a qual o mar, ou melhor, o deus Oceano seria um rio que circunda as terras (Homero, *Ilíada*, XIV, 200-201; Hesíodo, *Teogonia*, 776).

5 "Estígio" refere-se ao Éstige, rio sagrado que corre sob a terra, e em nome do qual os deuses prestam juramento (Hesíodo, *Teogonia*, 775-806).

mas a chaga, incurável,
é pra extirpar coa espada, pra que não
constranja a parte intacta.
A mim cabem-me estoutros: semideuses,
numes campestres, ninfas
e sátiros e faunos e também
os silvanos montícolas,
os quais, já que, do céu coa dignidade,
ainda não honramos,
as terras, quando menos, que lhes demos,
consintamos que habitem.
Ou credes que esses estarão assaz
(ó supremos) seguros,
quando a mim, que do raio, que de vós
sou detentor, sou rei,
Licáon,⁶ conhecido por ser fero,
ousou tramar insídias?".

Fremiram todos e, ânimos a arder,
o que teria ousado
isso, reclamam e, depois que Júpiter,
com sua voz e mão,
reprimiu o murmúrio, todos juntos
mantiveram silêncio.
Mal se susteve a bulha, reprimida
pelo peso do rei,
o silêncio rompeu, de novo, Júpiter
co seguinte discurso:

6 Licáon, como se diz mais abaixo, é tirano da região grega da Arcádia.

"Ele já suas penas — afastai
tais cuidados! — saldou;
qual, porém, o delito ensinarei,
e qual foi o castigo.

Ora, a má fama deste tempo os nossos
ouvidos alcançara;
esperançoso de que fosse falsa,
do alto desço do Olimpo
e, bem que deus, as terras sob humana
imagem eu percorro.

Quanto de criminoso, onde o encontrei,
muito longo seria
enumerar — ainda era pior
que a verdade a má fama! —.

Já transpusera o Mênalo, horroroso
pelas tocas das feras,
e, co monte Cilene, os pinheirais
do gélido Liceio;⁷
daí, na residência e teto inóspito
ingresso do tirano
árcade, quando a noite já traziam
crepúsculos tardios.

Sinais eu dei de que chegara um deus,
e o vulgo a fazer preces
começara; Licáon escarnece
os votos piedosos
e diz: 'Vou pô-lo à prova, a ver se é deus,

⁷ Mênalo, Cilene e Liceio são montes da região grega da Arcádia. Sobre o monte Liceio, em particular, havia um templo de Júpiter (Tucídides, v, 16).

com clara distinção,
ou se é mortal, e de uma tal verdade
ninguém duvidará'.

Prepara-me a ruína, pra eu morrer
sob o peso do sono
de súbito — essa, a prova da verdade
que a Licáon apraz! —.

Não contente com isso, ainda abriu,
coa lâmina, a goela
de um dos reféns da gente da Molóssia,⁸
que lhe fora enviado,
e daí, semimortos, os seus membros
em parte amoleceu
na água fervente, em parte sobre o fogo
soto-posto torrou.

Tão logo pôs tais carnes sobre a mesa,
eu castigo-o com a chama:
sobre o dono e os penates⁹ dignos dele
o teto derrubei;
ele, aterrado, foge e, deparado
o silêncio do campo,
ulula e, em vão, esforça-se em falar;
de dentro dele próprio
a boca extrai a raiva, e, com desejo
de morte costumeiro,
é convertido em besta e, ainda agora,
regala-se com sangue.

8 Molóssia é parte da região grega de Epiro.

9 Os penates, assim como Lar, são os deuses dos ancestrais, os deuses da família (Plauto, *Mercador*, 834).

Vão-se em pelos as vestes; vão-se em patas
os braços de Licáon;
faz-se lobo, e da sua velha forma
só vestígios conserva:
do vulto, o mesmo pelo agrisalhado;
é a mesma a violência;
os mesmos são os olhos que reluzem,
a imagem de feroz”.

(Tradução e notas: Marcos Martinho)